



CRISE  
Para Boaventura, «a dívida é impagável, não se pode pagar, não se deve pagar»

421  
GONÇALO ROSADA SILVA

## Boaventura Sousa Santos

Sociólogo

### 'Daqui a um ano estamos como os gregos'

O sociólogo, que se opõe à «autoflagelação» nacional, escreveu «o livro do momento»: Portugal, Europa e a crise

POR SARA BELO LUÍS

**A** entrevista decorreu na semana passada, no mesmo dia em que, em Bruxelas, os líderes europeus se reuniam numa cimeira extraordinária para tentar evitar o contágio da crise das dívidas soberanas. A coincidência é relevante, na medida em que Boaventura Sousa Santos, 70 anos, diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, é um académico que não se coíbe de comentar a atualidade mediática. Por isso, no seu último livro, *Portugal. Ensaio contra a Autoflagelação* (Almedina), propõe, por exemplo, um Governo de coligação

PS, PCP e BE. Resumo de uma longa conversa sobre as causas da decadência dos povos ocidentais.

Há uns anos, José Gil disse que tínhamos «medo de existir» e, agora, neste

**'Se não houver uma regulação dos mercados financeiros, o euro desaparece'**

novo livro, o senhor afirma que nos «autoflagelamos». Portugal está no divã?

Há uma razão sociológica para isso acontecer: somos uma sociedade de desenvolvimento intermédio. Temos a vulnerabilidade de não sermos tão desenvolvidos quanto outros países do bloco económico em que estamos inseridos e de, ao mesmo tempo, possuímos a mesma moeda. Vendemos têxteis e calçado, não vendemos aviões nem automóveis. Há uma tradição de vulnerabilidade original (como diria Eduardo Lourenço), mas a culpa não é só nossa.

De quem é, então, a culpa?

De todo este bloco económico em que estamos inseridos. A dívida é impagável, não se pode pagar e não se deve pagar. Porque parte dela é produto de uma especulação financeira de que Portugal não tem a culpa.

Porque é que não nos revoltamos, como os gregos?

Acho que não podemos dizer isso. Ninguém podia prever o 25 de Abril, nem os portugueses estavam preparados para uma revolução democrática, nem ninguém pensaria que, se houvesse um

